



24-08-2026

Recuperar a Malagueira Para a Malagueira voltar a Viver



Manifesto subscrito em conjunto pelas 4
Associações radicadas no Bairro da Malagueira

Conteúdo

Conteúdo	2
Recuperar a Malagueira	3
I. Diagnóstico	6
1. Espaço Público.....	6
1.1. Espaços Verdes	6
1.1.1. Arvoredo	6
1.1.2. Prados / Relvados	6
1.1.3. Caminhos.....	7
1.1.4. Jardim dos Socalcos	8
1.2. Arruamentos	10
1.3. Higiene	10
1.4. Ocupações.....	11
1.4.1. Veículos abandonados	11
1.4.2. Mobiliário doméstico	12
1.4.3. Depósitos, construções precárias e hortas individuais	14
1.5. Iluminação.....	14
2. Edificação Municipal.....	15
2.1. Condutas Principais.....	15
2.1.1. Condutas em blocos de betão aparente	15
2.1.2. Condutas rebocadas e caiadas	17
2.2. Paredes	18
2.2.1. Paredes nos blocos de garagens	18
2.2.2. Muros e muretes de delimitação.....	18
2.3. Anfiteatro	19
2.4. Pontão.....	20
3. RIBEIRA DA TORREGELA	20
3.1. Águas saponadas, esgotos a transbordar, mau cheiro	21
3.2. Assoreamento das linhas de água da ribeira.....	22
II. Conclusão	23

Recuperar a Malagueira

A Malagueira é, sem dúvida, o bairro mais emblemático da cidade do nosso período democrático em Portugal. **É aqui que vivem milhares de eborenses, sendo um dos bairros mais populosos da cidade e aquele onde se encontra uma das mais amplas áreas verdes urbanas.**

É, além do mais, uma herança maior do arquiteto **Álvaro Siza Vieira**, seu projetista à escala urbana, arquitetónica e paisagística. É um bairro que, por isso, é percorrido anualmente por centenas de visitantes, em larga medida estudantes de arquitetura, e inúmeras vezes por visitantes estrangeiros.

E, não obstante toda essa relevância, está ao abandono.

Não falamos apenas do abandono do investimento no bairro que, desde os anos 80, no período do seu crescimento, e dos anos 90, durante a sua consolidação, tem vindo a decair, deixando nos moradores um sentimento de incompletude que sempre nos acompanhou e acompanha.

Trata-se, antes, de um abandono ainda mais radical: falta a mais quotidiana manutenção, a mais normal conservação, a mais necessária reparação. Os moradores assistem, impotentes, ao apagamento do brilho que a Malagueira teve e que, durante tantos anos, foi sendo construído através do trabalho e do investimento realizados no bairro.

Não podemos assistir silenciosos.

Temos de retirar o Bairro da Malagueira do fosso em que se encontra e recuperar a sua vivência.

Podemos denunciar quanto de mal se passa no espaço público — ao nível dos espaços verdes, dos arruamentos, da higiene, das ocupações e da iluminação — e na edificação municipal, ao nível da sua construção e funcionalidade, sem esquecer um elemento natural que sempre esteve presente e que integra a própria identidade do Bairro: a Ribeira da Torregela

Mas devemos, sobretudo, reclamar uma **ação imediata**: reparar, conservar e manter, recuperando condições que já pudemos vivenciar, que queremos voltar a apreciar e que queremos poder oferecer a quem nos visita.

Esta necessidade torna-se ainda mais urgente no próximo ano, quando a Malagueira assinalará **50 anos do seu desenho** e quando Évora será **Capital Europeia da Cultura 2027**.

Tanto nós, enquanto Associações locais, como os moradores e outras individualidades, temos vindo, de forma recorrente, a alertar para o estado em que se encontra a Malagueira.



Mais uma vez o fazemos, apresentando um relatório de diagnóstico, atualizado e focado nas situações que consideramos mais prementes. **Este documento, de natureza não técnica, pretende constituir um alerta. Não se pretende dramatizar os problemas, nem procurar culpados; pretende-se chamar a atenção para uma realidade que já não pode ser ignorada e contribuir para a sua resolução.** Nesse sentido, **deseja-se que sirva, simultaneamente, como ponto de partida para** que o Município promova os **necessários trabalhos de reparação, conservação e manutenção**, intervindo sobre algumas das situações identificadas e que os moradores desejariam ver corrigidas.

Os moradores estão disponíveis e abertos a participar neste processo de valorização e recuperação da Malagueira, contribuindo para a construção de um bairro de que todos nos possamos orgulhar, onde gostemos de viver e que continue a afirmar-se como parte integrante e relevante da riqueza patrimonial, arquitetónica, paisagística e cultural de Évora, cidade Património Mundial.

A proximidade dos **50 anos da Malagueira** e a oportunidade excecional proporcionada por **Évora Capital Europeia da Cultura 2027** constituem uma ocasião única para cuidar, recuperar e valorizar este património, devolvendo-lhe a dignidade que merece e reforçando a sua importância para as gerações futuras.

É neste espírito de responsabilidade, colaboração e compromisso com a Malagueira que as quatro associações abaixo identificadas apresentam conjuntamente este documento, na convicção de que a valorização do Bairro constitui uma responsabilidade partilhada entre o Município, as entidades competentes, os moradores, as associações locais e toda a comunidade eborense.

Não se pretende apenas denunciar o que está mal; pretende-se contribuir para encontrar soluções e para que se faça melhor. A Malagueira é património de todos. Cuidá-la, recuperá-la e valorizá-la é uma responsabilidade que não pode ser adiada.

Veja-se, então, o relatório diagnóstico seguinte.

Identifiquem-se as situações e corrijam-se em conformidade.

É urgente resolver. A Malagueira não pode esperar.



Esta Fotografia é a cópia fiel e integral da página 5 do original, entregue na Câmara Municipal de Évora – Balcão Público em 28 de agosto de 2026

Este documento é subscrito,

Em Évora, aos 24 de agosto de 2026

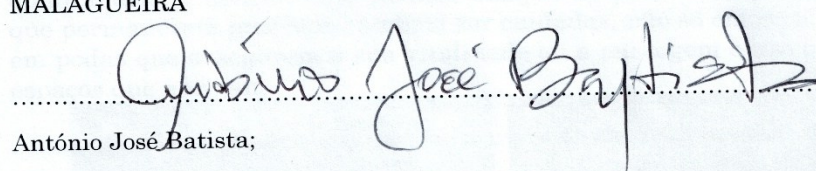
Pelas direções das associações:

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E CIDADÃOS MALAGUEIRA VIVA E VIVIDA



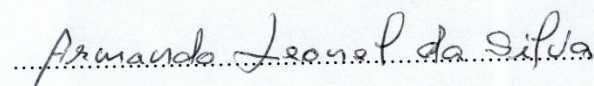
Armando Henrique Rodrigues da Silva;

ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL E DESPORTIVO DA MALAGUEIRA



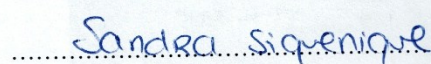
António José Batista;

ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS E IDOSOS DA MALAGUEIRA

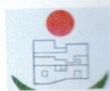


Armando Leonel da Silva

GRUPO CULTURAL E DESPORTIVO SANTA MARIA E FONTANAS



Sandra Siquenique



Pág. 5/24



Pág. 5/24

I. Diagnóstico

1. Espaço Público

1.1. Espaços Verdes

1.1.1. Arvoredo

Vimos assistindo ao corte de várias árvores, algumas icónicas, em vários pontos do bairro, por vezes isoladamente, outras em conjuntos, seja por doença, seja por queda, mas sem que sejam repostos quaisquer exemplares nos locais ou compensados noutros locais, o que afeta a imagem e a funcionalidade do maior pulmão verde da cidade e, bem assim, colide com o excelente projeto de paisagismo do Bairro, centrado e acompanhando a Ribeira da Torregela, da autoria do Arq. Álvaro Siza Vieira, com o Arq. Paisagista João Gomes da Silva. É preciso replantar árvores, novos espécimes, se possível nos locais que já foram definidos nesse projeto; se não for possível, então noutros locais, e ou quantidades, a definir, mas ouvindo sempre os autores do projeto. As árvores que permanecem precisam também ser cuidadas, não só em rega como também em podas que assegurem a sua vitalidade ou a passagem e uso confortável nos espaços que abrigam.



Figs. 1, 2, 3 e 4 - Tronco decepado de árvore não reposta, árvore com rebentos que a enfraquecem, árvore sem poda, caldeira sem árvore

1.1.2. Prados / Relvados

A secura e descuidos dos campos relvados ou dos prados herbáceos do bairro, mesmo em áreas onde os elementos de água são mais presentes, também concorre para a disfuncionalidade desse enorme pulmão urbano falado. Tendo em conta a dimensão e particularidade dos espaços verdes do bairro,

acreditamos que o desmantelamento da brigada dos espaços verdes da Malagueira poderá ter também contribuído para a situação atual.

É preciso reabilitar as redes de rega dos vários espaços e, mesmo no verão, assegurar que pelo menos as zonas em torno do lago da Malagueira, as mais concorridas e climaticamente mais favorecidas, se mantêm sem restrições, funcionando como abrigo climático.



Figs. 5 e 6 – Relvado da Rua do Pomar, à esquerda numa vista de 2020, à direita na atualidade, seca, de 2026

1.1.3. Caminhos

Os percursos pedonais são cada vez mais de difícil e por vezes impossível circulação, devido à crónica falta de manutenção e à erosão provocada pelas águas pluviais de superfície.

É preciso reabilitar o piso dos caminhos pedonais e repor as bermas, garantindo que as águas superficiais são encaminhadas pelas linhas apropriadas para tal; e é preciso reabilitar a sua iluminação própria, de modo a retomar-se uma utilização noturna destes espaços tão aprazíveis.



Figs 7 e 8 – Caminhos de saibro intransitáveis, ravinados, outros invadidos e transformados em veredas



Figs. 9 e 10 - Caminhos de saibro intransitáveis, ravinados e erodidos em profundidade, com valetas com falta de cubos, obstruídas, sem qualquer iluminação pública lateral em funcionamento



Figs. 11, 12 e 13 – Caminho erodido, como se apresenta hoje, e como o desejamos no amanhã, com pavimentos arranjados e com iluminação pública noturna funcional (imagens à direita manipuladas com recurso a ferramentas de IA)

1.1.4. Jardim dos Socalcos

O jardim dos socalcos, um dos elementos da zona verde do Bairro elaborado com a maior minúcia de desenho e de construção, encontra-se na atualidade verdadeiramente destrutado e abandonado.

É preciso que seja requalificado e que volte a funcionar o sistema hidráulico do jardim e dos seus jogos de água; que se promova a plantação dos canteiros, a limpeza das ervas dos caminhos pedonais, a limpeza dos grafitis nos elementos de água, repuxos, cascatas, muros e paredes.

É preciso renovar os espaços de estar do jardim e dar-lhes vida, com eventos ou atividades regulares, afastando os sinais e comportamentos de decadência e de marginalidade que ali se evidenciam.



Figs. 14, 15, 16 e 17 – Estruturas hidráulicas do sistema de água do Jardim dos Socalcos e grafiti («Zona de traficantes») indicativo de problemas de marginalização do espaço



Figs. 18, 19, 20 e 21 – À esquerda, floreiras com ervas e fonte espiral sem água, e a cascata inferior e tanques secos na atualidade, 2026; e à direita como se preconiza no amanhã, com floreiras floridas e com as fontes em funcionamento (imagens à direita manipuladas com recurso a ferramentas de IA)

1.2. Arruamentos

As ervas proliferam em ruas e largos, por vezes impedindo a normal circulação de pessoas ou o adequado encaminhamento de águas pluviais, noutras incitando ao abandono de lixos, noutras ainda permitindo o aparecimento de pragas, que até essas já começam a surgir (ratos, baratas, etc.).

É preciso proceder ao corte de vegetação onde ela não é prevista aparecer, à remoção de terras acumuladas nas regueiras dos arruamentos, e à eliminação das pragas, onde elas começam a surgir



Fig. 22 e 23 – Acumulação de ervas nas valetas e regueiras dos arruamentos

1.3. Higiene

Inúmeros pontos de recolha de resíduos estão a transformar-se na verdade em lixeiras a céu aberto, com monos, resíduos verdes e outros lixos espalhados a acumularem-se, sem recolha, durante meses, nas ruas e largos (contabilizámos pelo menos 11 locais nestas condições). Os próprios caixotes do lixo estão velhos, por vezes partidos ou mal limpos, prejudicando a sua funcionalidade.

É preciso, antes de quaisquer outras ações – que serão seguramente necessárias, desde sensibilização a fiscalização – garantir que os espaços e contexto dos locais de recolhas de resíduos se apresentam limpos e os depósitos adequadamente lavados, assegurando ainda que isso é coisa que faz parte da atividade quotidiana no bairro e não de um qualquer evento extraordinário.



Figs. 24 e 25 – Zona de contentores do lixo com monos e todo o tipo de lixo indevidamente espalhado numa extensa área envolvente, sem recolha municipal, na área da antiga quinta da Malagueirinha



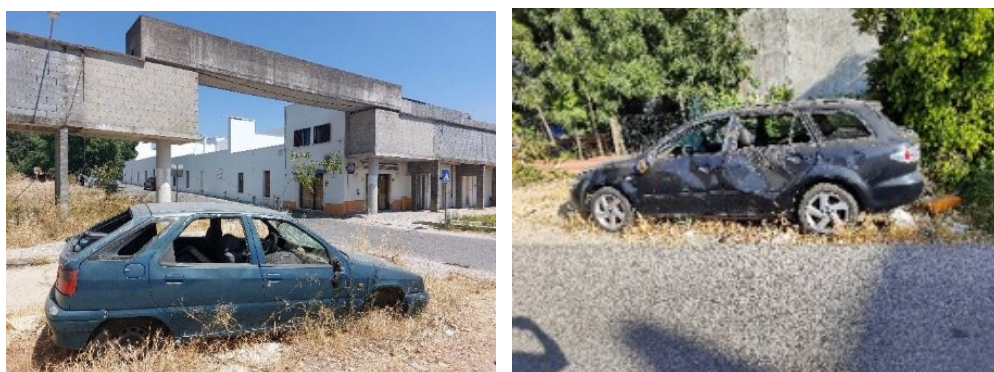
Figs. 26, 27, 28 e 29 – Zonas de contentores do lixo com monos e todo o tipo de lixo indevidamente espalhado numa extensa área envolvente, sem recolha municipal e com vários caixotes inutilizados

1.4. Ocupações

1.4.1. Veículos abandonados

Proliferam os carros abandonados no espaço público, ou nos espaços que se apresentam livres de utilização (vazios decorrentes do inacabamento do bairro e que se encontram tal qual baldios, à mercê de qualquer um), por isso possibilitando esse estacionamento automóvel ou definitivo abandono dos veículos – mas em locais nada adequados à presença desses elementos, que na prática, como se apresentam, são resíduos perigosos.

É preciso remover definitivamente esses carros abandonados, alguns há já uma década no mesmo local, em progressiva e inescapável degradação.





Figs. 30, 31, 32 e 33 – Sucata de carros abandonados em espaço público ou em áreas por construir, alguns deles com envolvimento de plantações realizadas por particulares.

Bem assim, assiste-se à acumulação de veículos em arranjos improvisados, e em última instância abandonados, transformando-se em resíduos perigosos, junto de locais cuja função não permite atividade de reparação automóvel. Também aqui é preciso remover esses resíduos do espaço público, impedindo ainda as atividades irregulares que possam estar a fomentar-se, em áreas sem condições funcionais para o efeito, a pleno céu aberto e ou na via pública.



Figs. 34 e 35 – Pequenos carros abandonados nos terrenos públicos municipais, ligados a atividades de reparação automóvel, sem condições

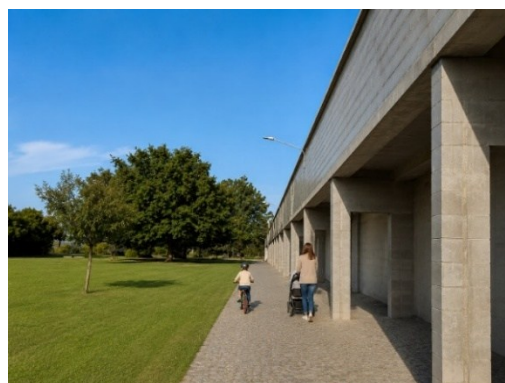
1.4.2. *Mobiliário doméstico*

A proliferação de mobiliário doméstico em zonas públicas obstaculiza, condiciona e inviabiliza mesmo a normal circulação pedonal no espaço público – tanto se assiste ao recurso a mobiliário que procura fomentar espaços de estar (p. ex. sofás, mesas) como a utensílios domésticos que asseguram funções caseiras (p. ex. estendais, fogareiros etc), mobiliário seguramente inexistente e impossibilitado em lojas ou espaços afins que não foram preparados nem adequados a uma função habitacional, ou outros espaços, originalmente pátios ou terraços dos prédios, entretanto cobertos irregularmente.

É preciso promover no imediato a remoção desses mobiliários abusivamente ocupando o espaço público, para reposição de condições de circulação de todos os possíveis transeuntes – necessariamente, sem menosprezo pelas condições pessoais de cidadãos, que se veem arrastados para essas circunstâncias de ocupação irregular das áreas públicas, condições as quais serão com certeza necessárias reabilitar e assegurar da melhor maneira.



Figs. 36, 37, 38 e 39 – Mobiliário doméstico na zona de galerias pedonais, essencialmente de apoio às pessoas que vivem em lojas e que não dispõem de condições para o efeito.



Figs. 40 e 41 – Galeria pedonal com mobiliário doméstico, como hoje se encontra, à esquerda, e como se pretende no amanhã, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)



Figs. 42 e 43 – Galeria pedonal com estendais outros utensílios afins, como hoje se verifica, à esquerda, e como se pretende no amanhã, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)

1.4.3. Depósitos, construções precárias e hortas individuais

Vários espaços afetos a lotes que ainda não foram ocupados e que foram abusivamente ocupados para diferentes fins – como seja depósitos de sucata, construções precárias e hortas individuais – inviabilizam o uso coletivo, regular e livre por parte da população, por sequestro de espaço público.

É preciso que estes espaços sejam limpos e, devolvidos ao município, sejam utilizados de modo livre por parte de todos e não apenas em benefício de particulares “empreendedores conquistadores”.



Figs. 44 e 45 – Depósitos, construções precárias e hortas individuais em terrenos expectantes destinados a lotes municipais

1.5. Iluminação

Os pontos de luz nas galerias públicas das condutas principais do bairro, a iluminação dos caminhos das zonas verdes, e mesmo os grandes postes de iluminação focal encontram-se disfuncionais, prejudicando a circulação pedonal, inviabilizando o usufruto dos espaços e permitindo o surgimento de sentimentos de insegurança.

É preciso repor e requalificar todos esses pontos, de modo a retomarem-se as adequadas condições de circulação a transeuntes.



Figs. 46 e 47 – Galeria pedonal ocupada e sem iluminação, como hoje se encontra, à esquerda, e como se pretende no amanhã, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)



Figs. 48 e 49 – Galeria de serviços, próximo à Junta de Freguesia, sem iluminação, como hoje se encontra, à esquerda, e como se pretende no amanhã, com devida iluminação, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)



Figs. 50 e 51 – Convergência das condutas no topo da Avenida da Malagueira, sem iluminação, como hoje se encontra, à esquerda, e como se pretende no amanhã, com devida iluminação, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)

2. Edificação Municipal

A estruturação do Bairro da Malagueira assenta vincadamente em edificação municipal, como é o exemplo das condutas principais e secundárias, dos blocos de garagens e dos elementos edificados ligados às zonas verdes – o anfiteatro, as pontes, os muros, muretes e outros.

2.1. Conduitas Principais

2.1.1. Conduitas em blocos de betão aparente

As condutas em betão aparente são um dos elementos mais emblemáticos da imagem urbana do bairro. Mas, como todos os materiais, é preciso assegurar a sua manutenção.

É necessário tratar o betão à vista das condutas principais (como as da Av. da Malagueira, Rua Principal de Sta. Maria, Rua do Túnel, Rua da Tomada de Água, Rua de Baixo, atravessamentos da Rua dos Amores, Rua António Galvão,

Rua das Traseiras), através da limpeza de grafitis, ervas, musgo e do tratamento do betão com material reparador. É ainda preciso impermeabilizar-se o piso interior das condutas, tal como se tem executado nas condutas secundárias, contribuindo para a salubridade do betão e permitindo repor iluminação pública no teto das galerias.



Figs. 52, 53, 54 e 55 – Convergência das condutas no topo da Avenida da Malagueira e Topo inicial de conduta no Jardim dos Socalcos, com os blocos de betão grafitados e ou degradados, na atualidade, à esquerda, e como se imagina no amanhã, com devido tratamento do betão, à direita (imagens manipuladas com recurso a ferramentas de IA)

Nenhum material de construção é eterno, incluindo mesmo os mais resistentes, como o betão. Nas condutas, as anomalias ligadas ao envelhecimento do material e sobretudo à ação patológica de agentes atmosféricos começam a sentir-se de modo muito evidente.

É preciso avançar-se com procedimentos de impermeabilização do piso interior da conduta, bem como tratarem-se as armaduras de ferro expostas e reparar-se o betão armado à vista, garantindo a adequada robustez das condutas.



Figs. 56, 57 e 58 – Conduta com infiltrações, à esquerda, e com armaduras expostas, ao centro, e como se imagina no amanhã, com devido tratamento da estrutura, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)

Bem assim, contribuindo para essa robustez, é preciso promover-se a reparação das lajetas de cobertura, que em várias circunstâncias apresentam armaduras expostas e perda de betão de recobrimento, já a cair para a via pública.



Figs. 59, 60 e 61 – Perda de betão nas lajetas de cobertura, como se verifica hoje, à esquerda, com desperdícios de betão caídos no solo, ao centro e à direita.

2.1.2. *Condutas rebocadas e caiadas*

Em zonas mais enobrecidas, as condutas assumem um acabamento rebocado e pintado (como seja nas da Rua do Túnel e na da Av. da Malagueira, zona administrativa e comercial nuclear).

É preciso realizar-se a pintura de todas as paredes, pilares e lajes das condutas principais rebocadas – conforme, aliás, o próprio município o fazia, regularmente, no passado.

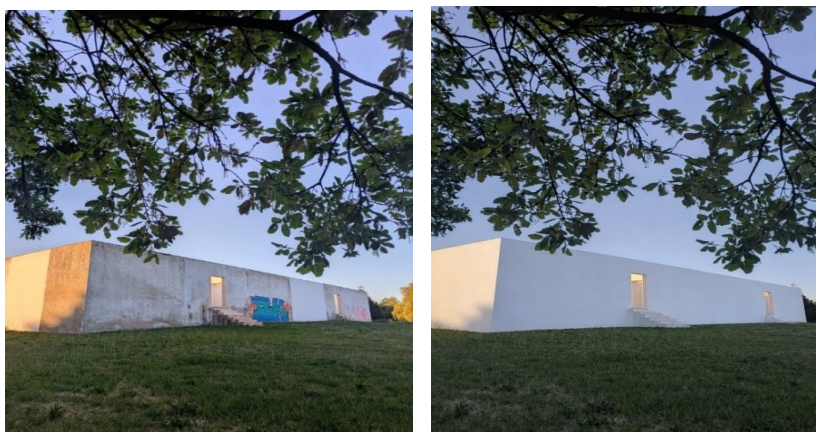


Figs. 62 e 63 – Conduta enquadrando a Junta de Freguesia, na Praça Zeca Afonso, denunciando a falta de uniformidade e deterioração de pinturas, à esquerda, e como se imagina no amanhã, com devida pintura dos elementos, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)

2.2. Paredes

2.2.1. Paredes nos blocos de garagens

Sendo os blocos de garagens elementos estruturantes do ordenamento bairro, o seu invólucro deveria ser pintado, conforme o município o fazia.



Figs. 64 e 65 – Bloco de garagens no final da Rua do Pomar, como hoje se encontra, evidenciando falta de uniformidade de pinturas, à esquerda, e como se imagina no amanhã, com devida limpeza e pintura conjunta, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)

2.2.2. Muros e muretes de delimitação

Os muros e muretes são também elementos fundamentais na organização e na imagem da Malagueira, delimitando e enquadrando garagens, edifícios, jardins, espaços exteriores, condutas e outras infraestruturas. Muitos apresentam atualmente sujidade, manchas, pichagens, degradação dos revestimentos ou dos capeamentos ou de topos em mármore, vegetação descontrolada e falta de caiação ou pintura, contribuindo para a desvalorização dos espaços.

É preciso fazer avançar intervenções de limpeza, remoção de pichagens e grafitis, reparação dos revestimentos, recuperação da caiação ou pintura e controlo da vegetação, bem como a definição de uma rotina regular de manutenção – naturalmente respeitando os materiais, as características e a linguagem arquitetónica do Bairro.

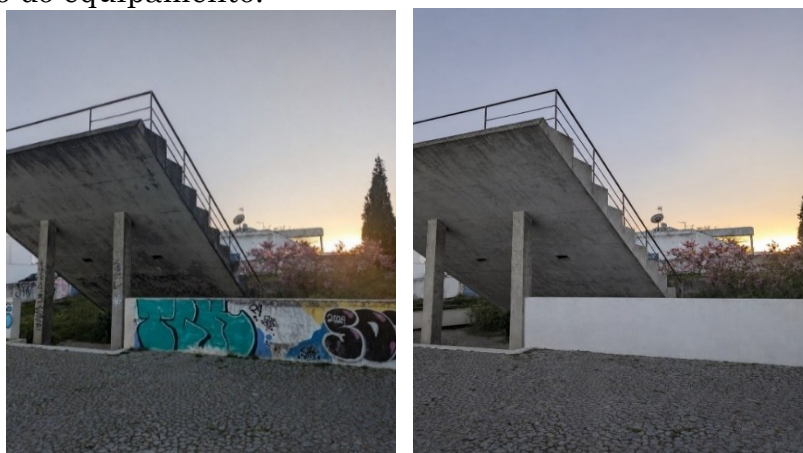


Figs. 66, 67, 68 e 69 – Exemplos atuais de muretes com capeamentos em falta, com topos em mármore quebrados, com pinturas degradadas.

2.3. Anfiteatro

O anfiteatro da Malagueira é um dos vários elementos pontuais edificados que aproveitaram elementos cenográficos do território preexistente, no caso uma antiga pequena pedreira, aproveitamento esse que é um dos gestos mais carismáticos do arq. Álvaro Siza Vieira na construção e no urbanismo do bairro. Hoje, porém, mostra-se abandonado, sem uso, e palco apenas para gestos de pichagem e grafitação, sem qualquer valor.

É preciso promover-se a limpeza dos grafitis, ervas e fungos e tratar-se o betão com o mesmo material das condutas principais. Dever-se-ia repor os perfis em aço inox em falta, designadamente no topo do anfiteatro, com vista à segurança de utilização do equipamento.



Figs. 70 e 71 – Anfiteatro grafitado, como hoje se encontra, à esquerda, e como se imagina no amanhã, com devida limpeza e tratamento do betão, à direita (imagem manipulada com recurso a ferramentas de IA)

2.4. Pontão

O pontão da Malagueira é outro dos elementos icónicos do bairro, pelo seu significado no cruzamento material das ideias do seu desenho, o da natureza que continua natural em baixo e o da rigorosa geometria que se eleva para a passagem de viaturas em cima, com planos de circulação de pessoas nesses níveis e no de permeio uma zona de estada. Hoje, porém, mostra-se cada vez mais marginalizado, mostruário para diversas pichagens e grafitação,

É preciso promover-se a limpeza dos grafitis, ervas e fungos e tratar-se o betão. Dever-se-ia ampliar a capacidade de permanência no plano intermédio.



Figs. 72 e 73 – Exemplos atuais de pichagens e grafitação generalizada de muros externos e internos do pontão.

3. RIBEIRA DA TORREGELA

A Ribeira da Torregela, e a sua rede hídrica, percorre o território do bairro e orientou vincadamente o seu próprio traçado urbano – a sua permanência, integrada de modo natural, foi um dos gestos mais significativos do seu desenho urbano. Unifica e torna coeso não só o bairro da Malagueira, como também agrega, numa linha contínua comum, todo um território diverso de vários bairros de Évora, em áreas urbanas e periurbanas da cidade.

Hoje, o seu traçado apresenta grandes alterações hidromorfológicas e os cursos de água exibem condições ambientais degradadas, o que é especialmente visível no bairro da Malagueira, com repercussões, entre outras, bem sensíveis no seu lago, um dos espaços verdes icónicos do bairro e um dos espaços de controlo e refúgio climático que mais importará salvaguardar.

A zona do lago e do dique também exige intervenção urgente. Não podemos aceitar que o reaproveitamento da água das piscinas, embora positivo, tenha deixado de alimentar a ribeira sem que tenha sido criada uma solução alternativa. O lago encontra-se hoje estagnado, poluído e sujeito à proliferação

de ratazanas — uma situação ambiental e sanitária que não pode continuar sem resposta.

3.1. Águas saponadas, esgotos a transbordar, mau cheiro

Por diversas vezes verifica-se a escorrência e acumulação de águas saponadas nas linhas de água, associadas noutras a transbordos de águas residuais a partir de caixas de visita. Sensivelmente, isso leva à presença de odores desagradáveis e compromete as condições de salubridade e de utilização dos locais afetados. Ambientalmente, quer na zona, quer na continuidade da ribeira, evidenciam-se problemas que não podem ser encarados como meras ocorrências pontuais.

É preciso, portanto, fazer avançar uma intervenção prioritária de reabilitação, com identificação da origem das águas, verificação das condições de funcionamento das redes de drenagem e esgotos e realização das necessárias ações de limpeza, reparação e manutenção. E, sempre que se verifique a repetição destas ocorrências, deveria ser efetuada uma avaliação que permitisse determinar a sua causa e evitar que a situação continue a reproduzir-se.



Figs. 74, 75, 76 e 77 – Exemplos ocorridos de transbordo de águas residuais e de escorrências de águas saponadas.



Figs. 78, 79, 80 e 81 – Exemplos de acumulação de águas saponadas, como hoje se encontra, à esquerda, e como se imagina no amanhã, com devida limpeza e reabilitação ambiental, à direita (imagens manipuladas com recurso a ferramentas de IA)

3.2. Assoreamento das linhas de água da ribeira

O leito da ribeira mostra-se assoreado em diversos troços, designadamente nos mais retilíneos e mais propensos à acumulação de sedimentos e de matéria orgânica, em alguns casos quase se anulando a própria noção de leito e de margens, com evidente perda e anulação das linhas de água.

É preciso proceder-se ao desassoreamento dos leitos das linhas de água e acentuar as suas margens e os seus meandros.



Figs. 82 e 83 – Exemplos atuais de assoreamento da linha de água da Ribeira da Torregela, com interrupção de trabalhos anteriores de desassoreamento e aprofundamento do leito.

II. Conclusão

O diagnóstico apresentado neste documento evidencia um conjunto de situações de degradação, falta de manutenção, conservação e reparação que, pela sua acumulação, estão a comprometer progressivamente a qualidade do espaço público, a imagem do Bairro da Malagueira e a dignidade de um património que pertence não apenas aos seus moradores, mas à cidade e ao país. A análise e o diagnóstico assim feitos conduzem a uma conclusão clara: **é necessário agir sobre a Malagueira e é necessário fazê-lo agora.**

A proximidade da celebração dos 50 anos da Malagueira, integrada no programa “Sob o Céu da Malagueira – 50 Anos de Habitat, Paisagem e Comunidade”, e o contexto excecional de Évora Capital Europeia da Cultura 2027, constituem uma oportunidade única para uma intervenção coordenada que permita recuperar, reparar, conservar e valorizar o Bairro.

Os próximos cinco meses devem, por isso, ser encarados como um **período de ação e mobilização**, durante o qual deverão ser identificadas prioridades, definidas responsabilidades e executadas as intervenções mais urgentes, de forma a garantir que a Malagueira possa receber os seus visitantes com a dignidade que merece. Mas, para além disso, os 50 anos devem constituir o ponto de partida para uma nova etapa na vida do Bairro.

As quatro associações radicadas no Bairro, juntamente com os moradores, aproveitando o conhecimento e a experiência resultantes da sua presença quotidiana no bairro, manifestam a sua disponibilidade para participar neste processo e para colaborar com o Município e com as demais entidades competentes – sem os substituir nas suas competências e responsabilidades – na identificação das prioridades, no acompanhamento das intervenções e na construção de soluções.

A Malagueira não precisa apenas de grandes projetos para o futuro ou de se focar somente nos valiosos projetos do passado. **Precisa, desde já, de cuidados concretos no presente:** reparar o que está degradado, conservar o que ainda pode e deve ser preservado, manter o que foi construído e recuperar aquilo que se foi perdendo.

Este documento assume a ambição de constituir-se como **um ponto de partida para essa ação**. Nesse sentido, propõe-se que o diagnóstico apresentado possa ser transformado num **Plano de Intervenção Prioritária para a Malagueira**, identificando:

- as situações que exigem intervenção imediata;
- as intervenções de curto prazo;
- as ações estruturais de conservação e valorização;
- as entidades responsáveis;
- os meios necessários;
- os prazos de execução e acompanhamento.

Entendemos igualmente que deverá ser criado um **mecanismo regular de acompanhamento**, envolvendo não só o Município e as entidades competentes, mas também as quatro associações radicadas na Malagueira e os moradores que manifestam a sua disponibilidade e interesse em participar.

A Malagueira exige uma abordagem compatível com a sua singularidade. A sua dimensão arquitetónica, urbanística, paisagística, ambiental, social e comunitária faz dela muito mais do que um bairro residencial. É um património vivo de Évora e uma referência maior da arquitetura portuguesa contemporânea.

Por isso, a sua conservação deve ser assumida como uma verdadeira **política de valorização patrimonial**, articulada com a condição de Évora como cidade Património Mundial e com a responsabilidade de transmitir às gerações futuras este legado. Verdadeiramente, preservar a Malagueira é preservar uma parte essencial da memória e da identidade de Évora. E só assim cuidando da Malagueira se conseguirá respeitar quem nela vive.

Enfim:

Celebrar 50 anos da Malagueira deve significar não apenas olhar para o que foi feito, mas assumir o compromisso de garantir aquilo que a Malagueira poderá continuar a ser.

Os 50 anos constituem o ensejo e o momento para esse recomeço. Porque a Malagueira não precisa apenas de ser celebrada. Precisa de ser cuidada. Precisa ser preparada para os próximos 50 anos.

Urge, pois, agir!

A Malagueira não pode esperar!